

essa visão até para o âmbito da matemática, perguntando: "... E que são aquelas equações [isto é, da mecânica quântica], o que é afinal a matemática, senão estofo mental? Virtualmente, o nível último do estofo mental, e por isso mesmo, profundamente misterioso".

Wald, de fato, defende a evolução da consciência — paralela à evolução da matéria — rumo a uma autoconsciência cada vez maior da natureza. Suas observações em Estocolmo, ao receber o prêmio Nobel, dão uma boa idéia da visão que tem do próprio trabalho: "O cientista vive com a realidade. Tanto melhor: conhecer a realidade é aceitá-la, e, por fim, amá-la. Em certo sentido, o cientista é uma criança culta. Há algo de cientista em toda criança. Outras pessoas ultrapassam essa fase, mas ele permanece criança a vida inteira".

Barbara McClintock esteve associada à Universidade Cornell grande parte de sua vida profissional, dedicando-se à pesquisa em citogenética. (A citogenética liga o estudo das estruturas visíveis dos cromossomos ao estudo da genética.) Trabalhando praticamente sozinha por cinquenta anos, e propondo soluções pouco convencionais que seus colegas sempre rejeitavam, ela foi por fim reconhecida aos oitenta e um anos, em 1983, quando recebeu o prêmio Nobel de fisiologia e medicina.

Individualista que passa a maior parte do tempo a sós, McClintock ainda prossegue em suas pesquisas no laboratório de Cold Spring Harbor (Nova York). Sua vida, personalidade e obra são vividamente evocadas por sua biógrafa, Evelyn Fox Keller, num livro soberbo intitulado *A feeling for the organism* (1983). O título capta a atitude de McClintock em relação às plantas com as quais trabalhou por cinquenta anos a fio e que, para ela, têm vida. Segundo Evelyn Keller, McClintock acredita que o cientista deve ter, acima de tudo, uma "percepção do organismo" (Keller, pág. 198); fala em escutar "aquilo que o material tem a comunicar" e da necessidade de "se abrir à comunicação" (Keller, pág. 198). Acrescenta Keller que McClintock sempre possuiu uma "inexcedível percepção da unidade da natureza". E conjectura que essa percepção está à frente da criatividade notável de sua biografada e a amparou durante os anos em que se viu virtualmente isolada em seu campo de trabalho. De fato, a biógrafa afirma que McClintock se considera orgulhosamente "uma mística", para quem, "basicamente, tudo é um" (pág. 204). Estudou budismo tibetano e praticou al-

gumas de suas técnicas iogues, que, surpreendentemente, parece ter descoberto por conta própria.

Descrivendo o impacto de sua obra no campo da biologia, escreve Keller: "Para aqueles que vêem nas... recentes conquistas o indício de uma nova revolução na biologia, o nome de McClintock se tornou uma espécie de senha. Matthew Meselson, de Harvard, acredita que a história 'falará dela como o ponto de partida de novas teorias genéticas tão sutis e complexas que, no momento, só podem ser entendidas superficialmente'" (pág. XI).